

ECONOMIA

AMEAÇA EXTERNA

Blindagem verde-e-amarela

País já tem 4º maior volume de reservas entre emergentes, o que deve protegê-lo de crises

Patricia Eloy

A crise recente no mercado de hipotecas de alto risco (*subprime*) nos Estados Unidos não deve ter maiores efeitos sobre a economia brasileira. Para economistas, o elevado nível de reservas internacionais (além da melhora no perfil do endividamento externo e o forte saldo comercial) funciona como um colchão anticrise, que deve proteger o país de possíveis choques externos. No último ano, esse colchão ficou ainda mais robusto e resistente: a política agressiva de compra de dólares pelo Banco Central (BC) fez com que as reservas praticamente dobrassem. Com isso, o país pulou da sexta para a quarta posição entre os dez emergentes com maior volume de reservas internacionais, segundo levantamento feito pelo Departamento Econômico do ABN Amro Real.

Com US\$ 106,16 bilhões em seu colchão anticrise, o Brasil conseguiu, em um ano, superar o México (US\$ 68,87 bilhões) e a Turquia (US\$ 56,53 bilhões). No início de março do ano passado, o país tinha US\$ 53 bilhões em reservas. Se a estratégia do BC for mantida, o país pode alcançar os níveis da Índia até o próximo ano. Hoje, está atrás de China (US\$ 1,066 trilhão), Rússia (US\$ 311,10 bilhões) e Índia (US\$ 193,12 bilhões).

País se aproxima dos níveis da Índia

• Depois do Brasil, a Rússia teve a segunda maior expansão entre os emergentes: 59%. Naquele país, o saldo comercial elevado por causa da exportação de petróleo foi responsável pelo aumento nas reservas. Na China, líder entre os emergentes, o volume é resultado de mais de 20 anos de crescimento sustentado e uma pauta diversificada de negócios, com fortes superávits em conta corrente. Entre os três maiores, apenas a Índia adotou estratégia similar à do Brasil: engordou as reservas com fortes compras de dólares.

Para se ter uma idéia do que esse volume de reservas representa para o Brasil, o total corresponde a 11,7% do PIB brasileiro, 62,7% do endividamento externo total do país (setores público e privado), 295,2% da dívida total de curto prazo (pública e privada) e três vezes os gastos do Tesouro Nacional com juros e amortização de dívida nos próximos cinco anos.

Saiba mais sobre as defesas do país

EVOLUÇÃO DAS RESERVAS BRASILEIRAS

DE 2000 A 2005 (em US\$ bilhões)

Ano	Reservas (US\$ bilhões)
2000	37,56
2001	36,3
2002	42
2003	50,13
2004	46,19
2005	60,95

Fonte: ABN Amro e Banco Central

NOS ÚLTIMOS 12 MESES (em US\$ bilhões)

Posição das reservas internacionais no fechamento de cada mês

Mês	Reservas (US\$ bilhões)
MAR 2006	53,8
ABR 2006	55,37
MAI 2006	63,51
JUN 2006	62,28
JUL 2006	67,58
AGO 2006	71,18
SET 2006	74,09
OUT 2006	78,96
NOV 2006	81,71
DEZ 2006	86,23
JAN 2007	90,39
FEB 2007	101,07
MAR 2007	106,16

Crescimento nos últimos 12 meses: 97,32%

Fonte: Departamento Econômico do Bradesco, com base em dados do Banco Central e ABN Amro

TAMANHO COMPARADO

Tor US\$ 106 bilhões em reservas corresponde a...

- 11,7% do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro, de US\$ 905 bilhões
- 62,77% do endividamento externo total brasileiro (setores público e privado), de US\$ 168,86
- 295,2% da dívida externa total de curto prazo (pública e privada), de US\$ 35,9 bilhões
- Três vezes os gastos do Tesouro Nacional com juros e amortização da dívida pelos próximos cinco anos (2007 a 2011): US\$ 34,5 bilhões
- 45% menos que as reservas da Índia, terceira colocada no ranking dos emergentes (US\$ 193,12 bilhões) e quase duas vezes as do México (US\$ 68,87 bilhões)

Fonte: Departamento Econômico do Bradesco, com base em dados do Banco Central e ABN Amro

O colchão anticrise das nações em desenvolvimento

(em US\$)	Reservas internacionais	Dívida externa bruta
China	1.066 trilhão	311,23 bilhões
Rússia	311,10 bilhões	Não informado
Índia*	193,12 bilhões	173,63 bilhões
Brasil	106,16 bilhões	168,86 bilhões
México	68,87 bilhões	164,21 bilhões
Turquia	59,50 bilhões	200,63 bilhões
Argentina	34,90 bilhões	Não informado
Venezuela	34,25 bilhões	Não informado
Chile	19,43 bilhões	Não informado
Colômbia	16,56 bilhões	41,03 bilhões

* Não inclui os recursos provenientes de acordos com o Fundo Monetário Internacional (FMI)

Para a maioria dos economistas, a estratégia do BC foi acertada, pois permitiu que o país suportasse melhor os solavancos dos mercados globais nas últimas semanas.

— Reservas elevadas, crescimento econômico menos volátil, inflação em queda, balança comercial forte e manutenção do sistema de metas de inflação tendem a reduzir um possível contágio ou volatilidade dos mercados ou da economia brasileira neste momento — avalia Zeina Latif, economista-chefe do banco ABN Amro Real.

Carlos Langoni, ex-presidente do BC e atual diretor do Centro de Economia Mundial da Fundação Getúlio Vargas (FGV), acredita que, quanto maior o nível das reservas, mais tempo levará para que o cenário externo afete a economia brasileira. Para ele, as reservas devem chegar a US\$ 150 bilhões até o fim do ano.

— Reservas robustas amortecem choques não previstos e conseguem, por exemplo, transformar uma possível recessão em desaceleração. Não existe nada mais traumático do que

tentar administrar uma economia vulnerável — diz Langoni que, em 1983, presidia o BC num Brasil com apenas US\$ 2 bilhões em reservas.

Estratégia custou US\$ 7 bi ao BC

• Mas, manter reservas próximas a US\$ 100 bilhões custaram cerca de US\$ 7 bilhões ao BC no ano passado. O gasto elevado faz com que economistas como Fábio Knijnik, analista sênior do BES, questionem sua real vantagem:

— O país exagerou no tamanho do seguro. Reservas próximas a US\$ 100 bilhões já protegem o país de maneira eficiente. Continuar na política de acumulação de dólares tem mais desvantagens do que benefícios.

Ao comprar dólares, o BC injeta reais na economia e, para retirar esse excedente, vende títulos públicos que rendem juros altíssimos (em torno de 12,75% ao ano). Enquanto isso, os dólares que engordam as reservas

internacionais do país são aplicados em títulos do Tesouro dos EUA, que têm baixa rentabilidade (cerca de 5,25% ao ano). A diferença de juros gera um custo elevado para o BC.

Para Octavio de Barros, economista-chefe do Bradesco, a estratégia do BC foi acertada e traz mais benefícios que prejuízos ao país:

— É ingênuo subestimar o efeito das reservas sobre a percepção de risco e a queda das vulnerabilidades do Brasil. A recente turbulência está tornando os investidores mais seletivos, o que tende a beneficiar países como o Brasil, que melhoraram significativamente seus fundamentos macroeconômicos.

Para ele, o colchão pode chegar a US\$ 125 bilhões até o fim do ano, mas em breve o país terá que iniciar discussões similares às ocorridas no México e no Chile há cerca de três anos, quando os países reduziram o ritmo de acumulação de reservas.

• GREENSPAN ALERTA PARA AMEAÇA DE CONTAMINAÇÃO NOS EUA, na página 26

Para Copom, Brasil se mantém sólido

• BRASÍLIA. O Banco Central avaliou na última reunião do Comitê de Política Monetária (Copom), que ocorreu em meio à turbulência provocada pela China e pelos EUA nos centros financeiros internacionais, que o cenário externo continua favorável e que o Brasil está muito mais sólido hoje para enfrentar eventual acirramento da instabilidade, "potencialmente transitória". A avaliação do BC sugere que as turbulências não pesaram na decisão de cortar em só 0,25 ponto percentual, na semana passada, a taxa básica de juros Selic. Ela passou a 12,75% ao ano.

Mais uma vez, o BC atribuiu o movimento ao fato de a economia estar cada vez mais aquecida sem que a redução de sete pontos percentuais operada desde setembro de 2005 tenha tido pleno efeito sobre o nível de atividade. A diminuição dos juros, que manteve o ritmo inaugurado na reunião de janeiro, foi considerada conservadora na avaliação de políticos, sindicalistas, setor produtivo e especialistas.

No entanto, a ata da reunião — a primeira após a saída de Afonso Bevilacqua, considerado o diretor mais afinado com a condução parcimoniosa da política de juros — indicou a manutenção do gradualismo e não representou mudança de tom em relação às anteriores.

No cenário atual, o BC reconhece que a trajetória da inflação é consistente com o cumprimento da meta anual de 4,5% (admitindo que a variação dos preços continua aquém deste percentual). Diz ainda que o comportamento dos investimentos sugere que não haverá risco de pressão inflacionária por incapacidade de oferta de produtos.

• BC, aliás, vê retomada forte do crescimento, destacando que a economia cresce há 13 trimestres consecutivos. (Flávia Barbosa)

General Electric

REFRIGERADOR Frost Free

SAMSUNG

TV PLASMA 42" WIDE

HDTV Ready, Pronto para TV Digital, Contraste 10000:1, Brilho 1.500 cd/m²

De R\$ 999, Por **3.490**, A VISTA

falmec

CHURRASQUEIRA A GÁS INOX

Com 3 queimadores com 30.000 BTU total e uma boca lateral para preparar os acompanhamentos. Fácil de ligar, atingir a temperatura rapidamente e a mantém constante.

3.999, 10x 399

Limpa Estoque

200 Produtos com até 50% de desconto*

